

Festivais Audiovisuais Universitários no Brasil: Relato de Experiência no 4º Toró – Festival Audiovisual Universitário de Belém¹

Juliana da SILVA²
Ana LOBATO³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Os festivais universitários são a principal janela de exibição e meio de circulação de uma produção que, historicamente, não encontra lugar no sistema tradicional de exibição brasileiro. O Toró – Festival Audiovisual Universitário de Belém acontece desde 2015, em Belém do Pará. Ao longo de quatro edições (2015-2018), atuou não só como meio de difusão da produção universitária nacional mas, principalmente, como recurso de aprendizado da prática audiovisual, fundamental na formação dos alunos de Cinema e Audiovisual envolvidos na sua organização. Este artigo tem como objetivo traçar um perfil do festival e refletir acerca da sua produção com base na minha experiência enquanto bolsista de extensão, em que participei da equipe organizadora.

PALAVRAS-CHAVE: Festival Toró; cinema universitário; exibição cinematográfica; extensão universitária.

Introdução

Segundo a autora Tetê Mattos, os festivais audiovisuais são “uma iniciativa estruturada em mostras ou sessões capaz de promover o produto audiovisual brasileiro, respeitando-o como manifestação artística e disponibilizando-o à sociedade, com proposta de periodicidade regular” (MATTOS, 2013, p. 118)

Os festivais atuam, principalmente na exibição e difusão do audiovisual nacional. Além disso, autora caracteriza essas manifestações como espaços que cumprem papéis em outros aspectos do setor audiovisual, como formação, reflexão, mercado e articulação política. (MATTOS, 2013, p. 119)

Nas últimas décadas, esse circuito vem apresentando constante crescimento. O

¹ Trabalho apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do Curso de Cinema e Audiovisual da FAV-UFPA, e-mail: jjulianabsilva@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema e Audiovisual da FAV-UFPA, email: analobatoazevedo@gmail.com

primeiro levantamento de dados acerca do setor brasileiro de festivais audiovisuais foi resultado do estudo Festivais Audiovisuais - Diagnóstico Setorial 2007 / Indicadores 2006, realizado pelo Fórum dos Festivais, e na época a pesquisa levantou 132 eventos audiovisuais. Atualmente, outros estudos mais recentes levantaram 350 eventos audiovisuais em atividade no Brasil. (CORRÊA, 2019, p. 7)

Desses eventos, segundo levantamento dos festivais e mostras brasileiros em atividade no ano de 2018, a maior segmentação é a de cunho universitário, com quase 40 festivais e mostras em atividade atualmente, voltados especificamente, para a produção que vem das instituições de ensino superior do Brasil. (CORRÊA, 2019, p. 9)

Os festivais universitários são a principal janela de exibição e meio de circulação de uma produção que, historicamente, não encontra lugar no sistema tradicional de exibição brasileiro o que, a priori, já justifica a sua realização e relevância. O objetivo desses festivais, segundo Paulo Corrêa (2017, p. 6) “está em reunir um apanhado do que se produz dentro do campo acadêmico, em um contexto de dar voz a esse grupo, englobado nesse contexto como uma classe”.

Enquanto eventos, propõem o encontro de pessoas em torno do interesse pelo audiovisual, o que também caracteriza esses festivais como um lugar essencialmente de intercâmbio de experiências, incentivando a interação entre membros da academia, realizadores profissionais do setor e público geral.

O Toró - Festival Audiovisual Universitário de Belém, acontece desde 2015, em Belém do Pará. Ao longo de quatro edições (2015-2018), atuou como não só como meio de difusão da produção universitária nacional mas, principalmente, como recurso de aprendizado da prática audiovisual, fundamental na formação dos alunos de Cinema e Audiovisual envolvidos na sua organização.

Este artigo tem como objetivo traçar um perfil do festival e refletir acerca da sua produção com base na minha experiência enquanto bolsista, no ano de 2018, no projeto de extensão Núcleo de Produção Audiovisual, vinculado ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Pará, responsável pela realização do Festival Toró.

Perfil do festival

O Toró - Festival Audiovisual Universitário de Belém é um festival dedicado às

produções feitas nas universidades e nas escolas de cinema e audiovisual brasileiras. Acontece, anualmente, desde 2015, na cidade de Belém do Pará, com programação de geralmente cinco dias de duração.

Para os realizadores em formação, representa a oportunidade de levar suas produções a públicos diversos, fora do ambiente acadêmico de origem, assim como proporciona o contato com produções de outras instituições, cidades e estados, cujo acesso é difícil e, por vezes, restrito. Configura-se, também, como um lugar essencialmente de intercâmbio de experiências, pois reúne membros da academia, realizadores profissionais do setor e público geral, em torno do interesse pela cultura audiovisual.

Uma particularidade importante do festival é o fato de ser realizado através de um projeto de extensão, no caso, o Núcleo de Produção Audiovisual - NUPA, ligado ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Pará. Enquanto tal, o festival se configura como um importante recurso de aprendizagem sobre a prática cinematográfica por parte dos alunos de Cinema e Audiovisual envolvidos na organização.

A realização do festival conta com uma importante parceria com o Centro Cultural Sesc Boulevard, firmada na primeira edição e que foi renovada em todas as edições seguintes já realizadas. A parceria envolve principalmente concessão da estrutura do Sesc para a realização do festival - sala de projeção com equipamento de imagem e som adequados - mas, além disso, o Sesc também cobre financeiramente parte das despesas geradas pelo festival, a partir de um orçamento pequeno destinado ao evento, suficiente para cobrir necessidades como impressão dos guias da programação, o coquetel de abertura etc.

O NUPA teve início em 2012, com o objetivo de ser um espaço de exercício da produção audiovisual. Nos três primeiros anos de atividade, focou-se na produção de filmes, com oficinas e workshops que resultaram na produção de dois curta-metragens e um média-metragem. A partir de 2015, o foco deslocou-se para a difusão de obras audiovisuais, resultante na criação do 1º Toró.

A partir de então, os alunos estiveram envolvidos na produção de um evento audiovisual que, de forma semelhante a uma produção de filme - com as devidas adaptações - se dá em várias etapas - planejamento, execução e desprodução. Além disso, requer o estabelecimento de relações com diversos setores da Sociedade, o que

reforça o seu caráter de extensão ao oferecer aos alunos a oportunidade de desenvolver competências necessárias à atuação profissional através do contato direto com o público fora do contexto acadêmico.

Identidade visual

No 1º Toró, foi definida uma identidade visual para o festival, que a cada nova edição é atualizada. Essa identidade gira em torno de um elemento principal, o fenômeno característico não só da cidade de Belém, mas da região Amazônica, que inspirou o nome do festival: *Toró*, uma expressão popular para chuva forte, uma derivação de *tororó*, palavra de origem tupi-guarani para “jorro de água”. Além disso, as cores vermelho, preto e branco também compõe a visualidade.

As propostas visuais das edições anteriores do festival não atenderam a um tema pré definido. Os bolsistas, durante a elaboração, tiveram liberdade criativa para propor combinações variadas desses três elementos.

Dos elementos citados, o único que não tem autoria dos estudantes é a *logo* que, desde a primeira edição do festival, tem sido realizada pela designer Carol Abreu, que faz parte da equipe do SESC Boulevard, parceiro do projeto.

A identidade visual da 4ª edição explorou uma linguagem metalinguística sobre o audiovisual, em especial o formato digital e o processo de criação que caracterizam as produções universitárias contemporâneas.

No site, estão presentes elementos próprios da era digital. O *background* da faixa sobre a qual fica a logo traz a imagem de uma tela que apresenta glitch⁴ (IMAGEM 1). O *layout* das páginas fazem referência à aparência da tela de um dispositivo digital, seja este uma câmera ou um celular, quando em modo de gravação de vídeo. O pixel⁵ é uma figura originalmente utilizada na logo do festival - o acento da palavra Toró tem essa estética - e foi incorporado também em outras regiões do site, como uma “chuva de pixels” (IMAGEM 2).

⁴ Expressão do campo da informática para designar mau funcionamento.

⁵ Pixel é o menor ponto que forma uma imagem eletrônica.

“Iniciação à Direção de Fotografia em Projetos Audiovisuais”, uma palestra com o tema “Cinema Contracultura: de Godard a Caetano Veloso” e a mesa de debate “Mulheres Negras no Audiovisual”.

O festival realiza ainda a Mostra UFPA, uma mostra não competitiva com olhar especial para as produções feitas por estudantes da Universidade Federal do Pará, com o objetivo de dar visibilidade e difundir a produção local.

O festival Toró, além de uma janela de exibição e espaço de circulação para o audiovisual universitário nacional, tem um importante papel enquanto evento formador de público. A programação é aberta ao público geral e gratuita, com exceção de algumas oficinas. Dessa forma, ela é pensada para contribuir para a difusão de um conhecimento que muitas vezes fica restrito a espaços privilegiados como o meio acadêmico, ao qual apenas uma parcela da sociedade tem acesso.

O objetivo, visando os jovens realizadores em fase de formação, é que o festival seja um espaço de visibilidade e troca de experiências, de forma a contribuir para a formação dos futuros profissionais do audiovisual. Não se deve esquecer também, daqueles que descobrem o interesse pelo audiovisual a partir do contato com eventos como o Toró.

A partir disso, contar com uma programação diversa e acessível se faz fundamental para que o festival seja um espaço democrático de difusão e fortalecimento da cultura audiovisual na cidade de Belém.

O festival sempre esteve aberto a inscrições de produções de todo o Brasil. A proposta permite o intercâmbio de produções locais com produções de outros estados, permitindo que o público tenha acesso a um recorte diverso da produção universitária nacional.

Na última edição, em 2018, todas as regiões foram representadas nas inscrições, em diferentes níveis. Segundo os dados da 4ª edição, do total de 159 obras inscritas, as regiões com maior representatividade são Sudeste (37,7%), Nordeste (29,6%) e Sul (17,6%), conforme mostra a tabela abaixo. As regiões Norte e Centro Oeste representaram 10,1% e 4,4% das inscrições, respectivamente.

TABELA: Distribuição por região do número de inscrições ao longo das edições do festival, de 2015 a 2018.

Região	Nº de produções inscritas			
	edição 2015	edição 2016	edição 2017	edição 2018
Norte	35 (28,7%)	28 (24,8%)	33 (30,6%)	16 (10,1%)
Nordeste	33 (27%)	24 (21,2%)	22 (20,4%)	47 (29,6%)
Sudeste	28 (23%)	31 (27,4%)	36 (33,3%)	60 (37,7%)
Sul	23 (18,9%)	25 (22,1%)	10 (9,3%)	28 (17,6%)
Centro Oeste	2 (1,6%)	3 (2,7%)	7 (6,5%)	7 (4,4%)

Nas últimas três edições (2016, 2017 e 2018) a região sudeste tem liderado o número de inscrições, em especial em 2018, quando teve 24 inscrições a mais em relação ao ano anterior.

A região nordeste também apresentou um crescimento significativo, atingiu mais que o dobro do número de obras inscritas da região em relação ao ano de 2017. Com isso, ultrapassou a região norte, que na segunda e terceira edições do festival (2016 e 2017), fora a segunda região com maior número de obras inscritas.

Em 2018, a região sul se inseriu novamente entre as três regiões com maior número de inscritos – a primeira vez fora em 2016. Isso se deu graças ao aumento de obras inscritas, mas também a uma queda de inscrições por parte da região norte, a qual ocupou o terceiro lugar em 2017.

A região centro-oeste foi a de menor expressão em todas as edições do festival até agora, seu crescimento ainda é tímido, de forma que a desigualdade em relação às outras regiões ainda representa grande desafio a ser percorrido.

Ainda se tem um cenário desigual, no qual observa-se maior representatividade de regiões onde está concentrada grande parte das universidades e escolas de cinema, como é o caso da região sudeste. Apesar disso, não se pode ignorar o avanço das outras regiões ao longo dos anos, que aponta para uma descentralização gradual da produção universitária.

Nesse contexto, reitera-se o papel dos festivais audiovisuais como difusores do

audiovisual nacional, com destaque para o caráter regular e periódico desses eventos. Prezar pela continuidade dos festivais se faz necessário para que se tenha perspectiva de um circuito de exibição, em especial da produção universitária, mais igualitário.

O Toró, enquanto a janela de exibição e também projeto de extensão, busca difundir na cidade de Belém a produção universitária realizada no país, ao promover o encontro dela com o público. Em 2018, o festival bateu recorde de inscrições, foram mais de 150 filmes de todo o Brasil. Assim, ele se fortalece no circuito de festivais e contribui para o desenvolvimento da cultura audiovisual na região.

Produção

Dentro do contexto de um projeto de extensão, que caracteriza o festival como um recurso de aprendizado para os alunos de Cinema e Audiovisual da UFPA, o Toró se manteve, ao longo das edições, enquanto um festival feito por estudantes.

Diferente de festivais como o Festival Brasileiro de Cinema Universitário, que começou vinculado ao curso de Cinema da UFF, realizado por estudantes, mas que aos poucos foi se desvinculando dele à medida que o festival cresceu e passou a ser patrocinado. Além disso, os alunos que o realizavam no início deixaram de ser alunos, e continuaram à frente do festival. O festival Toró tem como princípio permanecer vinculado ao curso de Cinema e Audiovisual da UFPA. Dessa forma, o objetivo é que ele continue existindo como um espaço de aprendizado e que contribua na formação acadêmica dos estudantes envolvidos no projeto, e portanto, na sua organização, além de se constituir numa janela de exibição para a produção universitária.

Nesse processo, destaca-se o protagonismo dos estudantes, envolvidos em todas as etapas da produção do evento. A equipe do festival é composta basicamente por alunos de cinema que se vinculam ao festival principalmente como bolsistas, mas também como estagiários e mesmo voluntários. Por ser um projeto de extensão, conta também com uma coordenação, composta por professores do curso, que acompanha e orienta os alunos ao longo das etapas de produção.

Fora a parceria com Sesc Boulevard, o Toró não conta com nenhuma fonte de financiamento. A produção sempre aconteceu de forma essencialmente colaborativa, a partir de apoios e parcerias, firmadas ou renovadas de acordo com necessidade de cada

edição, tanto no que envolve a produção, quanto a divulgação do festival.

Metodologia

Para a execução das várias etapas que envolvem a produção do festival, é levado em conta o fato do Toró ter como um de seus objetivos se constituir num espaço de aprendizagem dos alunos do Curso de Cinema e Audiovisual, no que diz respeito à prática cinematográfica e à produção de um evento audiovisual. Nesse sentido, ao buscar a participação ativa de todos os envolvidos no projeto, fica por conta dos estudantes propor ações, encontrar formas de viabilizar a produção, criar soluções necessárias para a execução do festival etc.

As diferentes etapas de produção exigem organização de equipe variada no decorrer das mesmas. De uma forma geral, a dinâmica de trabalho preza por um envolvimento colaborativo da equipe. Ideias e propostas de execução são sempre discutidas de forma coletiva, visando um espaço de debate e criação conjunta.

Por um outro lado mais prático, a equipe divide-se em subgrupos de atuação de acordo com as habilidades dos estudantes. Leva-se em consideração, também, o nível de experiência, uma vez que na equipe do festival estão presentes alunos que já acumularam certa experiência como organizadores em edições passadas do festival, e também aqueles que participam da organização pela primeira vez.

Como resultado, alguns alunos envolvem-se em determinadas atividades mais do que outros. Aqueles com habilidades em criação gráfica, por exemplo, ficam responsáveis por produzir conteúdo que alimentará as redes sociais do festival. Da mesma forma, aqueles com experiência em gerenciamento de mídias sociais, ficam responsáveis por administrar essas publicações.

A divisão de tarefas, no entanto, não é fixa e, portanto, não inibe a participação de um mesmo estudante em mais de uma função. Um caso particular da edição de 2018, que pode ilustrar essa situação, foi a minha atuação enquanto coordenadora de produção e além disso, como criadora e gerenciadora do site do festival.

Essa dinâmica de trabalho permite ao aluno vivenciar diversas áreas de atuação na produção do festival, além de ter a oportunidade não só de aprimorar habilidades e competências já conhecidas, mas também de adquirir novas. O processo de aprendizado, por sua vez, é enriquecido pelo trabalho em equipe, que possibilita o compartilhamento de conhecimento, vivências e formas de trabalhar diversas.

Divulgação

Nos festivais audiovisuais universitários brasileiros, as categorias Ficção, Documentário e Experimental são as mais contempladas, com presença em grande parte dos festivais.

A região Norte, por exemplo, conta com três festivais universitários em atividade: O Fusca – Festival Universitário de Criação Audiovisual, o Festival Osga de Vídeos Universitários e o Toró. Em todos eles, as categorias ficção e documentário estão contempladas. Dois deles, o Fusca e o Toró, contemplam videoclipes. O Toró é o único que contempla categorias como videodança, web-filme, animação e experimental.

Com a variedade de categorias presentes no festival Toró procura-se dar conta da diversidade de formatos que configuram a produção audiovisual contemporânea. Nas últimas duas edições do Toró (2017 e 2018), no entanto, apenas as categorias Ficção, Documentário e Experimental entraram em competição, pois foram as únicas que atingiram o número mínimo de seis inscrições estipulado pelo regulamento do festival.

Na história do festival, Animação entrou em competição apenas uma vez, no 1º Toró. Videoclipe foi uma categoria que se manteve competitiva até a segunda edição do festival. Já Videodança, esteve presente em duas edições do festival, a primeira e a segunda, em exposições não competitivas.

Os indicadores levantam questões, as quais não se tem intenção de responder no momento e que, no entanto, são válidas enquanto reflexão sobre a produção universitária contemporânea - seriam ficção, documentário e experimental os formatos preferidos dentro das universidades e escolas de cinema brasileiras? Quais seriam as razões para isso, mesmo em um contexto onde cada vez mais se observa inovações de linguagem e utilização de novas mídias? Dentro desse raciocínio, o que estaria impedindo que videoclipes, web-filmes e videodanças, produções que exploram outros formatos audiovisuais, ocupem os espaços de ensino?

O Toró continua a oferecer espaço a essas categorias como forma de incentivo, para que atraiam a atenção dos concorrentes e estimulem aos realizadores universitários se aventurarem cada vez mais na produção de trabalhos relativos a essas categorias.

O festival Toró tem como um dos seus objetivos a difusão da cultura audiovisual universitária por todo o Brasil. Sendo assim, tem como meta, a cada edição, atrair um

número cada vez maior de pessoas, seja na forma de realizadores que inscrevem seus filmes para competição, seja na forma de público, espectadores e participantes das atividades paralelas.

Para que isso aconteça, a equipe dedica uma atenção especial à divulgação do evento. O site tem um importante papel de concentrar as informações fundamentais sobre o festival, tal como o histórico, o regulamento, o formulário de inscrição, e todos os anúncios oficiais relacionados ao evento.

Por outro lado, é através das redes sociais que o festival estabelece o principal meio de comunicação com o público, e como plataforma de divulgação.

No contexto da era digital que se vive atualmente, as redes sociais são uma das plataformas com maior potencial de compartilhamento de conteúdo, pois sua função está diretamente ligada à interação entre os usuários.

Nesse processo, o conteúdo postado pela equipe do festival alcança um grande número de pessoas não somente pela quantidade de pessoas que seguem os perfis dedicados ao Toró, mas porque essas pessoas compartilham o conteúdo com amigos, em diversas redes sociais e, dessa forma, ele tem um alcance que foge ao controle da produção do festival.

Ao considerar esses fatores, a maior parte do material de divulgação produzido pela equipe é pensado para ser difundido através da página no *Facebook* e do perfil do festival no *Instagram*. Ambas as mídias permitem publicações em vários formatos, como imagens, vídeos e textos que, para a divulgação do festival, resultam em várias possibilidades a serem exploradas.

A equipe fez postagens regulares nas redes sociais divulgando as atividades paralelas programadas para a quarta edição, e para isso, produziu conteúdo gráfico digital com imagens dos bastidores do festival, material utilizado também para criar uma contagem regressiva virtual, com postagens diárias nas redes sociais ao longo da semana que antecedeu o evento.

Desde sua primeira edição, o Toró realiza a produção de dois VTs⁶ visando a divulgação do evento: um para divulgar a abertura das inscrições da mostra competitiva, e o outro, para divulgar o festival propriamente dito, enquanto evento.

Os VTs são as principais peças de divulgação do festival, graças às múltiplas possibilidades de veiculação do formato, através de sites, redes sociais, TV aberta ou

⁶ Abreviação para videoteipe

fechada, plataformas de vídeo online, e até circuito interno de estabelecimentos.

Na primeira edição, a produção dos VTs foi feita através de colaboração entre a equipe de produção do festival e a coordenação. Já na segunda e terceira edições, houve a participação de profissionais. Já na quarta edição, os VTs voltaram para as mãos da equipe dos bolsistas, com o auxílio dos coordenadores, com a proposta de envolvê-la novamente em todas as etapas do festival e na criação dos diversos materiais necessários à sua realização. A iniciativa visou, também, a manutenção do que é considerado pelos seus realizadores como característica básica do Toró: um festival feito por estudantes e para estudantes.

Em 2018, para 4ª edição do Toró, buscou-se retratar as peculiaridades da produção audiovisual universitária, sob o viés do processo criativo. Enquanto produções feitas com baixo - ou nenhum - orçamento, muitas vezes os realizadores recorrem a gambiarras para dar vida a suas produções.

A equipe organizadora, bolsistas e estagiários, dividiu-se em departamentos de produção conforme a área de interesse de cada um, assim formaram-se as equipes de direção, fotografia, arte e produção por trás da realização dos VTs.

Ambos os VTs foram filmados e editados na UFPA, sob supervisão dos coordenadores do festival, e uso da estrutura oferecida pelo curso de Cinema e Audiovisual quanto a equipamento de fotografia e ilhas de edição. O restante do material utilizado - figurino, cenografia, maquiagem - foi doado pela própria equipe à produção, uma vez que o festival não possui financiamento voltado a esse trabalho de produção de material.

Durante a produção dos VTs, foi formada uma parceria que foi fundamental para a divulgação do evento e, além disso, inédita na história do festival. As Sereias é um grupo de música regional de Belém, que não só compôs como gravou um *jingle*⁷ especialmente para o festival que foi incorporado à narrativa dos VTs.

Em parceria com o curso de Jornalismo e Comunicação da UFPA, o *jingle* foi gravado no estúdio da Rádio do curso. A parceria também possibilitou a gravação de dois *spots*⁸, com roteiro de autoria da equipe e interpretado por uma aluna de Cinema, cujo propósito também era de divulgação do festival.

⁷ Mensagem musical publicitária de refrão simples e de curta duração.

⁸ Peça sonora produzida especialmente para veiculação via rádio, que combina interpretação humana e elementos sonoros, como a música.

Para que o material produzido pela equipe alcançasse espaços além das páginas diretamente ligadas ao festival, a equipe entrou em contato com diversos setores da comunicação em busca de parcerias de divulgação. Através dessa iniciativa, renovou-se em 2018, parceria com a Rádio Cultura, que já apoiou o festival nas edições anteriores com a veiculação dos *spots* durante duas semanas na programação da emissora.

Os VTs, por sua vez, foram veiculados em TV aberta pela TV Cultura, emissora local, parceria que também teve início já na primeira edição.

Buscou-se também o apoio de páginas virtuais dedicadas a eventos culturais, que compartilharam o material de divulgação encaminhado pela equipe. O festival também foi, ainda, divulgado na mídia impressa com uma matéria feita pelo Diário do Pará a partir de uma entrevista feita com um membro da organização.

Resultado de todo esse processo, em 2018 o festival bateu recorde de inscrições. Mesmo sendo um marco importante para o festival, um dos frutos de uma campanha de divulgação bem sucedida, o crescimento do festival não se resume a números. O verdadeiro sucesso está na difusão da cultura local através do audiovisual e também das parcerias entre setores culturais diversos que através do festival ganharam visibilidade nacional.

Reitera-se o sucesso das redes sociais como forte recurso nesse processo: os dois VTs juntos, alcançaram quase 4 mil visualizações e 192 compartilhamentos por meio da nossa página no Facebook. No Instagram, somaram 246 visualizações e 81 curtidas.

O momento de criação do material de divulgação do festival é um dos mais significativos para o aprendizado da equipe envolvida. A partir dele, a equipe se envolve diretamente com a produção audiovisual, em todas as suas etapas, da pré-produção até a busca de meios para veicular o produto. Firma-se então, o papel do Toró enquanto extensão universitária, ao incentivar a participação ativa dos estudantes, o encontro com o público e o fortalecimento da dinâmica do trabalho em grupo e a articulação de parcerias, fundamentais para a realização audiovisual, capacitando-os para uma futura atuação profissional na área.

Resultados

O 4º Toró foi uma edição que estabeleceu marcos importantes: contou com o maior número de inscrições e de filmes exibidos dentre todas as edições até então

realizadas. Isso certamente é resultado de um trabalho que vem sendo construído ao longo de alguns anos, que está amadurecendo e ganhando cada vez mais espaço no meio audiovisual e na agenda cultural da cidade.

Além disso, firmou parcerias de produção que contribuíram para estreitar os laços entre festival e identidade local. Para o público de Belém, foi uma oportunidade de ter sua cultura representada na “cara” do festival e se identificar com ele. Para o público de outros estados, abre-se a possibilidade de estabelecer contato com a cultura paraense através do festival, de uma forma até então não explorada.

A programação paralela - oficina, palestra e mesa de debate - mobilizou o público local e possibilitou um espaço de formação, debate e reflexão acerca do audiovisual, e atingiu um público aproximado de 53 pessoas. A Mostra UFPA, cumpriu o papel de promover o encontro do público com as produções locais, proporcionando uma experiência fundamental na formação dos realizadores.

O 4º Toró também alcançou seu objetivo de levar sua programação a outros públicos, através da Mostra Toró Itinerante, que promoveu a exibição dos filmes premiados na Mostra Competitiva 2018. A Mostra foi realizada através de parceria com Cine Guamá, projeto cuja proposta é democratizar a cultura e promover incentivo da mesma através do cinema. Aconteceu em junho de 2019, no Espaço Cultural Nossa Biblioteca e contou com debate sobre os filmes após a sessão.

Por fim, a partir da minha experiência enquanto bolsista do projeto no ano de 2018, atualmente estou desenvolvendo uma pesquisa sobre Festivais Audiovisuais Universitários Brasileiros que resultará no meu Trabalho de Conclusão de Curso em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Pará.

Considerações finais

Ao considerar o sistema tradicional de exibição audiovisual nacional, que historicamente não dá conta sequer da produção de curtas-metragens em geral, e muito menos da universitária, os festivais audiovisuais representam uma importante alternativa para essa produção que, embora seja expressiva no Brasil, ainda enfrenta muitos obstáculos na busca por visibilidade.

Tratando-se da produção feita por universitários, muitas vezes ela sequer é exibida publicamente, “em tela grande”. O destino mais comum para o filme

universitário é a internet, em sites como YouTube e Vimeo.

Nessa dinâmica, não há o encontro efetivo da obra com o público e, portanto, o ciclo de uma produção audiovisual não é concluído. Para um estudante de cinema e/ou audiovisual, as implicações vão além de um mero cumprir de etapas. Esses jovens realizadores estão inseridos em um contexto de desenvolvimento de habilidades, onde as experiências dentro da universidade farão parte da sua formação profissional e também da construção de suas identidades criativas. Por isso, oportunidades de reflexão sobre as próprias obras e métodos, através do contato com o público e troca de experiências com outros realizadores, se fazem fundamentais para uma formação rica e de qualidade para esses estudantes.

O Toró, ao dedicar atenção a essa produção, atua, portanto, como valioso recurso de aprendizagem, tanto para os realizadores que inscrevem seus filmes, quanto para os estudantes envolvidos na produção. Enquanto projeto de extensão, dinamiza a experiência dos universitários, estimulando o interesse pelo audiovisual, além de proporcionar a sua prática.

Com quatro edições consecutivas realizadas de 2015 a 2018, o Toró se consolida no circuito de festivais audiovisuais, e cumpre seu papel de espaço de manifestação artística fundamental para a valorização, difusão e fomento do audiovisual universitário nacional.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Paulo. **Os Festivais Estudantis e Universitários como Porta de Entrada à Prática Audiovisual**. [S.l.], 2017. Disponível em: <https://issuu.com/pauloluzcorrea/docs/atualizado_iii_-_portas_de_entrada_>, Acesso em: 30 jun. 2019, 22:30:00.

CORRÊA, Paulo. **Os Festivais/Mostras Audiovisuais em 2018: Geografia e Virtualização**. [S.l.], 2019. Disponível em: <https://issuu.com/pauloluzcorrea/docs/v1_os_festivais-mostras_audiovisuai>, Acesso em: 30 jun. 2019.

MATTOS, Tetê; LEAL, Antonio. Festivais Audiovisuais Brasileiros: Um diagnóstico do setor. IN: V Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. **Anais...** Salvador, 2009.

MATTOS, Tetê. **Festivais pra quê? Um estudo crítico sobre festivais audiovisuais brasileiros**. IN BAMBA, Mahomed (Org.) A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos. EDUFBA, 2013.